

FAMÍLIAS ITALIANAS E A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO “ITALIANIZADO” EM ITUETA E SANTA RITA DO ITUETO NAS MINAS GERAIS

Sandra Nicoli¹

Resumo

A imigração italiana para o Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, é caracterizada por ser familiar e com a maior procedência vinda da região do Vêneto, na Itália. O projeto imigrantista era baseado na pequena propriedade familiar. Minas Gerais foi destino secundário dessa colonização. O objetivo desse estudo é compreender o percurso das famílias de imigrantes italianos que chegaram ao solo espírito-santense, seus descendentes que migraram para Itueta e Santa Rita do Itueto e a formação do território “italianizado” nas terras das Gerais. Através da memória verbalizada nos relatos orais com descendentes mais antigos, foi possível compreender o processo de migração da Itália para o Espírito Santo e posteriormente para Minas Gerais. Os dados permitem considerar que a presença dessas famílias de origem italiana impactou e italianizou o território através dos seus hábitos e costumes.

Palavras-chave: Território, memória, migração italiana.

Introdução

A Mesorregião do Vale do Rio Doce fez parte da estratégia governamental de colonização, tornando-se a última região mineira a ser colonizada (ESPÍNDOLA, 2005). E foi nessa conjuntura que os municípios² de Itueta e Santa Rita do Itueto, no início do século XX, foram palco da chegada de diversas nacionalidades de imigrantes tais como: italianos, pomeranos, alemães, portugueses, espanhóis e de migrantes de origem brasileira de outros Estados e do próprio Estado mineiro (NICOLI, 2014).

Enfatiza-se, inicialmente, que a presença da origem italiana nos municípios de Itueta e Santa Rita do Itueto se tornou marcante, ao longo dos anos, em relação às outras nacionalidades. Portanto, nosso estudo tem como ênfase a colonização e a formação de territórios nesses municípios mineiros pelas famílias de imigrantes italianos.

¹ Mestre em Gestão Integrada do Território pelo programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – Univale. Graduada em História. Professora da disciplina de Metodologia Científica em Pós-Graduação *Lato Sensu*. Endereço eletrônico: nicolinicoli@hotmail.com. Acesso ao currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8720126400304425>.

² Localizados na Microrregião de Aimorés situada na Mesorregião mineira do Vale do Rio Doce. A microrregião é composta por treze (13) municípios sendo eles: Aimorés, Alvarenga, Conceição de Ipanema, Conselheiro Pena, Cuparaque, Goiabeira, Ipanema, **Itueta**, Mutum, Pocrane, Resplendor, **Santa Rita do Itueto** e Taparuba.

Com a contribuição da metodologia da História Oral³ damos vozes aos atores sociais que participaram da história, testemunharam ou ouviram de seus antepassados sobre a vinda, chegada, acomodação, trabalho, formação das famílias, festas, costumes, tradições, crenças, religiosidade entre outros aspectos. Ou seja, traduzem toda a trajetória percorrida pelas famílias de imigrantes italianos e a formação de um novo território em terras mineiras, a partir do início do século XX. Destacam assim, suas presenças como sujeitos históricos que se construíram e reconstruíram, e ainda constroem e se reconstróem na dinâmica da vida social (NICOLI, 2014).

Khoury (2004) compreende as narrativas⁴ como atos interpretativos, pois considera as narrativas como práticas sociais e como expressões da experiência vivida. Sobre as funções do tempo na História Oral, Portelli (2004) assegura que narrar uma história é tomar armas contra a ameaça do tempo, preservando o narrador do esquecimento.

O apagamento das memórias ao longo dos anos nega, de certa maneira, suas presenças como sujeitos históricos no espaço vivido, uma vez que as memórias atribuem significados ao passado a partir de um presente vivido. Sendo assim, dar vez às vozes de origem italiana que ainda permanecem nas terras de Itueta e Santa Rita do Itueto é contribuir para o entendimento e compreensão da formação do território a partir dos seus atores sociais (NICOLI, 2014).

Segundo Lowenthal (1998), são três as principais fontes de conhecimento sobre o passado: a *memória*, a *história* e os *fragmentos*. A primeira é introspectiva e inerente ao ser humano; a segunda é contingente e empiricamente verificável; a terceira, são construções realizadas pelo homem e que se transformam em relíquias, resíduos, marcas e patrimônio. Assim sendo, demonstraremos a partir da história, da memória e dos fragmentos, a formação do território “italianizado” nas localidades em estudo.

O artigo tem como objetivo central compreender o percurso das famílias de imigrantes italianos que chegaram ao solo espírito-santense, seus descendentes que migraram para Itueta e Santa Rita do Itueto e a formação do território “italianizado” nas terras das Gerais. Para tanto foram realizados 18 relatos orais com os descendentes mais antigos residentes na região. Nesses relatos foram resgatadas, da memória dos informantes, as lembranças das histórias e casos ouvidos, na infância, sobre a Itália e a viagem para o Brasil, a vivência no Espírito

³ Esta é uma metodologia de pesquisa de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX e consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (SILVEIRA, 2007, p. 03).

⁴ Ressaltamos que a fonte oral, além de coletada, deve ser interpretada e analisada cuidadosamente e que, em função de sua natureza diversificada e estreitamente vinculada ao cotidiano, favorece uma pesquisa com espaço para falas de sujeitos, em geral, anônimos (SILVEIRA, 2007, p. 03).

Santo e a trajetória para as terras mineiras de seus antepassados e, a construção do território italianizado nas terras mineiras localizadas próximo à divisa interestadual.

O Sertão e as transformações a partir do final do século XIX

Segundo Espíndola (2005), o Sertão do Rio Doce, durante séculos, foi visto pelos governos como um local de riquezas e por esse motivo protegido. Ao perceberem que não existiam os minerais preciosos, a partir do século XIX⁵, começam a divulgar que as terras eram propícias para a agricultura e para o povoamento às margens do Rio Doce. Assim, o maior interesse governamental, quando não encontraram as riquezas sonhadas no Sertão, seria o da navegação, de fundamental importância para o escoamento das produções de Minas, além de proporcionar movimentação ao sossegado porto marítimo do Espírito Santo. No entanto, o projeto de navegação do Rio Doce não conseguiu alcançar os objetivos propostos.

Espíndola (2005) ressalta ainda que, mesmo com o fracasso do projeto de navegação do rio, o poder provincial mineiro não deixou de persistir no propósito de ocupação da região do Vale do Rio Doce. No entanto, tornou-se secundário aos interesses oficiais, permanecendo essa área como fronteira agrícola para gente negra e mestiça, para grupos indígenas cada vez mais encurralados, configurando-se como espaço sertanejo.

Entretanto, no início do século XX, por volta dos anos de 1903, o Vale do Rio Doce via sua paisagem sendo modificada com a abertura da floresta para a construção e fornecimento de carvão para a Estrada de Ferro Vitória a Minas, que em 1942 passa a ser administrada pela Companhia Vale do Rio Doce⁶- CVRD.

O desejo de construção de uma ferrovia ligando Minas ao litoral espírito-santense existia desde meados do século XIX, porém somente em princípios do século XX é que se dá o início da construção da ferrovia. Em 1902 foi decretada a construção da Estrada de Ferro Vitória a Minas - EFVM⁷. Inicialmente vista como eixo exportador de minério de ferro, ligando dois Estados brasileiros da região sudeste – MG e ES, a ferrovia foi avançando e penetrando pelo Vale do Rio Doce (BRITO e PINHEIRO, 2009). Como parte da Companhia Vale do Rio Doce, a Estrada de Ferro Vitória a Minas iniciou uma nova fase de desenvolvimento para Minas Gerais e Espírito Santo com transporte de cargas do interior para o litoral. Pode-se

⁵ Até o final do século XIX, os avanços em relação à ocupação definitiva do Sertão do Rio Doce foram bem discretos, pois esse ainda continuava dominado pelos índios Botocudos e por uma extensa floresta (ESPÍNDOLA, 2005).

⁶ Atual Vale.

⁷ Segundo Brito e Pinheiro (2009) por mudanças em relação ao seu percurso inicial, com a descoberta de minério de ferro em Itabira/MG e devido a constantes dificuldades financeiras e ambientais, a construção dessa ferrovia prosseguiu de maneira lenta.

afirmar que a conquista do Sertão, sendo esse, atualmente, parte da Mesorregião mineira do Vale do Rio Doce, não se deu efetivamente pelo Rio Doce, mas devido à construção da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM), que provocou grandes expectativas para a economia da região (ESPINDOLA, 2005).

A construção da EFVM, segundo Espíndola (2000), foi o principal fator de aceleração para colonizar o Vale do Rio Doce. O movimento de ocupação do litoral para o interior somente tornou-se expressivo depois de sua construção. Destaca-se que um dos primeiros benefícios da ferrovia foi a ligação comercial entre terras mineiras e espírito-santenses. Outro aspecto importante foi a possibilidade de transporte oferecida aos migrantes que optassem por construir uma nova vida em outras terras, nesse caso, nas terras do “Sertão” (ESPINDOLA, 2005).

A partir do século XX, as localidades mineiras de Itueta e Santa Rita do Itueto viram suas férteis terras sendo povoadas por migrantes de origem brasileira, portuguesa, espanhola, alemã, pomerana e por um contingente expressivo de origem italiana. Nessa conjuntura, por volta dos anos de 1920, diversas famílias de migrantes italianos chegam à essas localidades.

Os migrantes italianos que chegaram às terras mineiras

Recorrendo aos estudos sobre a imigração italiana no Brasil, mais especificamente sobre a procedência regional e o perfil, é possível constatar que a migração de origem italiana para as terras mineiras em estudo segue o mesmo padrão. Portanto, os migrantes que se destinaram para as localidades de Itueta e Santa Rita do Itueto eram, em sua maioria, famílias oriundas do Norte da Itália, principalmente da região do Vêneto. Cabe destacar que os imigrantes italianos chegaram numa proporção menor, se comparados aos seus descendentes nascidos em terras brasileiras. Esses descendentes eram, em sua maioria, nascidos no Espírito Santo, mais precisamente nas regiões de Alfredo Chaves e Castelo (NICOLI, 2014).

Ressalta-se que a maioria desse grupo em estudo, segundo Nicoli (2014), imigrou primeiramente, quando desembarcaram em solo espírito-santense, para Alfredo Chaves. Após alguns anos, devido, sobretudo, ao crescimento populacional dessa região e a oferta de novas terras em outras regiões espírito-santenses⁸, muitas famílias de imigrantes italianos optaram

⁸ É possível, diante dos relatos e de referências bibliográficas sobre a imigração italiana no Espírito Santo, ter informações de que ocorreu a migração interna dentro do próprio Estado, primeiramente na parte sul. O povoamento de grande parte do norte do Espírito Santo ocorreu tardiamente, se comparado ao sul (DADALTO, 2009).

por migrar para a região de Castelo, que ainda estava praticamente inabitada e o preço da terra era mais acessível⁹.

Portanto, partem famílias de imigrantes italianos, tanto da região de Alfredo Chaves quanto de Castelo, para Itueta e Santa Rita do Itueto. A rede de parentesco, amizade e informações cumpriu papel essencial na decisão de migrar para Minas Gerais (NICOLI, 2014). Nessa conjuntura, trabalharemos com o grupo de imigrantes italianos que se estabeleceram no sul do Espírito Santo, e que, depois de alguns anos, migraram para as terras mineiras localizadas na divisa interestadual de Minas com Espírito Santo.

No entanto, para compreendermos os fatores decisivos para optarem por migrar para as terras mineiras em estudo, é preciso recorrer, de maneira sucinta, à trajetória dessas famílias de imigrantes ao partirem da terra natal até o momento em que novamente partem, do solo espírito-santense para o solo mineiro.

O Contexto da decisão de migrar: Itália/Espírito Santo

Diante do cenário que presenciavam na terra natal, entre eles a Unificação do território geográfico; das transformações sócio-demográficas da população; da modernidade e modernização; das mudanças nos métodos tradicionais de arrendamento, cultivo e produção da terra; da economia debilitada e das mudanças provocadas pela expansão do capitalismo, muitas famílias italianas decidem migrar para o outro lado do Atlântico (TRENTO, 1989; DADALTO, 2009).

Realça-se que um considerado fluxo de imigrantes italianos desembarca em terras do Espírito Santo¹⁰, a partir da segunda metade do século XIX até início do século XX. Eles foram atraídos principalmente por uma política de povoamento, com o objetivo de promoverem uma agricultura baseada na pequena propriedade familiar (DADALTO, 2009).

Mediante os relatos¹¹ de alguns descendentes dessas famílias de imigrantes, podemos observar de onde vieram, como era e estava a Itália no período em que partiram em direção ao Brasil. Ao contrário do contexto da Itália, através das narrações, é possível analisar a situação do Brasil no momento da grande imigração transoceânica.

⁹ O principal motivo dessa migração interna foi a quantidade de terras ainda despovoadas e a impossibilidade de garantir o sustento das novas famílias constituídas pelos filhos dos italianos a partir da pequena propriedade familiar adquirida no momento de chegada ao Espírito Santo (DADALTO, 2009).

¹⁰ Enfatiza-se que se comparada a outros Estados brasileiros, a imigração para o Espírito Santo foi pouco numerosa, porém a introdução do imigrante europeu se deu de forma marcante nessas terras (BUSATTO, 1990).

¹¹ Destaca-se que a identificação dos sujeitos será feita pela letra inicial do nome e pelo sobrenome de descendência italiana, a idade e o local de residência. Dessa forma, estaremos preservando o anonimato do narrador e demonstrando alguns sobrenomes de origem italiana residentes nas localidades em estudo.

Destaca-se que os imigrantes tinham conhecimento dos processos e acordos firmados entre os governos. No relato do Sr. A. Nicoli 2¹², há referência de parte desses acordos que visavam ao povoamento, no Brasil, baseado na pequena propriedade familiar conforme menciona Seyferth (2000), Saquet (2003), Dadalto (2009), Bassanezi (1995) e Colbari (1997).

[...] o que eu sei é que eu via eles falar [...] lá, na Itália, na época, a Itália diz que é um país pequeno e havia gente demais, gente demais da conta, então o governo da Itália, que salvo me engano, acho que era um tal de Musolino. [...] e dêva ter combinado com o governo brasileiro pá passar, pá trazer gente de lá pra cá, porque aqui o país era grande e havia muita mata, muita aonde o povo ficar, trabalhar, e lá tava apertado o trecho pelo tanto de gente que havia na Itália. Então assim, eu via o papai falando que quando eles vieram de lá pra cá, que o governo mandou eles vim embora de lá pra cá, [...]. O que, que eles ia encontrar aqui? [...] certamente eles vieram esperando o governo brasileiro daqui receber eles, coloca êis né, nas mata né, nas terras, na mata. (A. Nicoli 2, 81 anos, Itueta).

Assim como o Sr. A. Nicoli 2, o Sr. V. Magri também evidencia o convênio firmado entre os governos italiano e brasileiro, enfatizando que partes do acordo não foram cumpridas.

Aí houve um ... intercâmbio parece, um convênio com o governo brasileiro pra mandar pra cá, que dava terra também pros imigrantes italiano. Só que chegou aqui, [...] lá em São João de Alfredo Chaves tem o primeiro território, o segundo território, o terceiro território, o quarto território, até o quinto território. Depois soltou o pessoal. Aí o pessoal se lascou. Veio pra cá com uma coisa, [...] aqui era outra, segundo o que êis diziam. Mas só que todo mundo queria eles pra ser meeiros né, que trabalha igual um cão né. Então todo mundo queria, num sabia [...] a língua, mas sabia trabalhar né. [...]. Nada que foi prometido, que foi propagado, [...] foi cumprido. Lugar pra morar, terra pra trabalhar. (V. Magri, 71 anos, Santa Rita do Ituetto).

As memórias da Itália trazidas pelas famílias italianas e transmitidas aos seus descendentes são marcadas pela dureza do clima e do trabalho árduo dos que se dedicavam à agricultura e das grandes possibilidades da nova terra.

Falava que era, era frio né. [...]. Na época, muita dificuldade. [...]. E... Pelo amor de Deus!... Na Itália [...] num era grandes coisa também sabe? Vivia! [...]. Lá na Itália [...] dificuldade né, trabalho. [...]. Muito frio... (A. Benicá, 73 anos, Itueta).

Êis passava muita dificurdade ali, na Itália né. Muita dificurdade né. Diz que era uma pobreza, difici... tudo as coisa poca, tudo, tudo regrado [...]. E se continuasse, ficá lá, êis passava fome naqueis lugá né [...]. (R. Cremasco, 80 anos, Santa Rita do Ituetto).

Só a gente ouvia dizer que lá tinha a época do frio... [...]. É porque lá tava muito difícil... a vida lá pra êis tava difícil né. Aí aqui surgiu a oferta de trabalho e lugar pra êis ficar né, aí resorveram vim pra cá. Muitos trabalha na roça, do meio rurale também né. [...]. Era bem precária né. Vieram sem nada mesmo de lá... Era de... o meu avô acho que era de Treviso né. Treviso. (A. Denadai, 83 anos, Santa Rita do Ituetto).

Muito pobre! Uma pobreza doida. Uma miséria. Pobreza. E trabalhava muito, pouco lucro. [...]. Agricultura. Uma pobreza danada. Nalfabeto. A região muitooo, pobre. [...]. Muita dificurdade! (V. Magri, 71 anos, Santa Rita do Ituetto).

A emigração se tornava ainda mais atraente quando percebiam a possibilidade de se tornarem proprietários. As informações que recebiam eram de um local onde era possível

¹² A identificação, como descrito anteriormente, será feita através da letra do primeiro nome e do sobrenome. Dois descendentes entrevistados possuem o primeiro nome com a letra A, são da mesma família e com a mesma idade. Sendo assim, a identificação desses terá além da primeira letra do nome e sobrenome, a numeração 1 e 2 para distingui-los.

adquirir terras. A Sra. B. Benicá relata uma emigração familiar, realçando a procedência regional, conforme Alvim (2000), Trento (1989) e Dadalto (2009) enfatizam que as famílias italianas se identificavam muito mais por sua região de nascimento do que como italianos.

Ela (*nona*) contava que, que tinha muita coisa, fruta né, vinho... muito, o vinho lá êis tomava muito vinho né, das uva... E só que era com muita difircurdade né, na Itália. Muita difircurdade. [...] tudo num tinha valor né. Num tinha valor. (pausa) Os avô trabalhava, ganhava poco e tudo com sacrifício, ela falava. Eles num tinha terra não, trabalhava pra arguém. [...] na roça. É na roça. [...]. Iiih, ela falava que passou muita difircurdade. E depois que veio pro Brasile também passou muita. É porque lá era difici né. Era difici e começaram falar que aqui no Brasile era [...] uma maravilha né, e animaram. E ondê que foi um, foi tudo! [...]. Vieram tudo da Itália. Vieram tudo junto né. [...] difircurdade que tava passando lá. [...]. Treviso né. Treviso. Treviso. Ela era trevisana, de Treviso. Era bunito. Bunito, era... iih, frio. Diz ela que nossa senhora! Muito frio né. Muito frio, muito. Muito sacrificado, falou assim, ela contava. (B. Benicá, 79 anos, Santa Rita do Ituetto).

Conforme evidenciaram Trento (1989), Bassanezi (1995) e Zanini (2010), a emigração italiana para o Brasil era familiar. Havia uma preferência pelo embarque de famílias com filhos ou casais, tendo em vista que um dos objetivos do estímulo à imigração era, além da complementação da força de trabalho, o povoamento das regiões para onde eram destinadas.

Me parece que a avó é, é de um lugar chamado Treviso, na Itália né. Então, na época existia uma enorme crise na Itália, né. Então eles falaram que o Brasil é um país novo, e essa coisa e tale, e aí arranjaram as imigrações e vinham pro Brasil né. (J. Baptistin, 85 anos, Conselheiro Pena).

De acordo com Klein (2000), Dadalto (2009), Alvim (2000) e Trento (1989), o contexto da Itália, a partir dos anos de 1800, é um contexto de mudanças, culminando na Unificação do território geográfico, na modernidade e modernização. A Sra. R. Benicá tem em sua memória a narrativa de sua *nona* que descreve um cotidiano tranquilo, mas perturbado pelas guerras de Unificação. As notícias de um país com terras férteis era a única esperança que movia os italianos a atravessar o oceano.

[...]. Que era assim: lá eles viviam alegres, felizes, trabalhavam, mais por causa [...] da guerra, então veio aquele baque, então tudo ficou difícil. Eles vieram pro Brasil porque viam falar do Brasil, uma terra sadia, fértil, que tudo que plantava dava, [...]. Fala assim: que eles começaram a sair, tava deixando o Treviso, a Itália pra trás, que foi uma partida muito triste [em voz embargada e bem baixinho não sendo possível ser gravada afirma: fico arrepiada só de pensar como foi triste]. (R. Benicá, 70 anos, Santa Rita do Ituetto).

Nessa mesma perspectiva, a bisneta de imigrantes N. Nicoli, também enfatiza o contexto da guerra como o ápice da decisão de emigrar. O medo da morte e da fome foi evidenciado fortemente pelos seus antepassados.

Eles falavam que lá era bom. Só que nu vim a guerra, teve fome, fome. E o medo de morrer e a fome, eles vieram pra cá. [...] e aqui eles falavam assim: que ninguém passava fome [...] eles contam muito e tem muito sentimento é das guerra. Das guerra né. Porque se num tivesse vindo a guerra, eles num precisava ter esse sofrimento. (N. Nicoli, 58 anos, Ituetta).

O descendente M. Ton realça inicialmente que quem contava para ele as histórias sobre a Itália era a *nona*. A procedência regional também foi destacada no relato, confirmando assim que os imigrantes se identificavam muito mais por suas regiões de nascimento e que

Vêneto, conforme destaca Trento (1989), Dadalto (2009), Bassanezi (1995) e Alvim (2000), foi a região que mais forneceu imigrantes para o Brasil.

Era a *nona* que contava alguma história, né. Que lá já era muito habitado [...]. A *nona* contava [...] que as terras era muito poquinha que trabalhava cada um, né. (pausa) [...] ela contava que: “ah, lá o governo num deixa construir mais a casa no chão, aí mora um por cima do outro, pra num ocupar a terra” [...]. Eles eram agricultores [...] a mãe do papai era da região de Treviso. Já o pai era Milão. É tudo norte. (M. Ton, 77 anos, Santa Rita do Itueto).

Continuando sua narração sobre a decisão de emigrar dos italianos, M. Ton, assim como V. Magri, também enfatiza a abundância de terras que o Brasil possuía. Como camponeses, esse fator era fundamental. O canto em dialeto vêneto cantado pela *nona*, demonstra a admiração das famílias italianas pelas terras sul-americanas.

[...] aqui tinha terra à vontade pra trabalha. [...] aí que houve o ensejo de vim, eles vieram. [...] eles vieram encontrar justamente terra e facilidade de trabalhar. Que lá já era um país com habitação grande, a Itália naquele tempo né. E ela num é tão grande né. [...] e que notícia que tinha ajuda do governo, que o governo ia dá terra [...]. Deu lá no sul do Espírito Santo [...] eles deram uma área de terra [...] pra cada um. [...]. Gostaram né. Porque era tudo muito bonito, muito verde, muito... Ela (*nona*) falava que era... Ela cantava uma música [...] “América lé bella, Brasille nu se parla”. [...]. E na Itália nunca mais né. (M. Ton, 77 anos, Santa Rita do Itueto).

[...]. Aí que eles conseguiram ir se arrumando... [...] Terra boa pra trabalhar né! E campo pra trabalhá! Vieram com esse intuito, de chegar e disbravar e... alavancar alguma coisa na vida né. (V. Magri, 71 anos, Santa Rita do Itueto).

É fundamental também mencionar que a migração é resultado de uma multiplicidade de fatores – econômicos, políticos, ambientais, culturais –, como realça Haesbaert (2007). Nesse sentido, as famílias de imigrantes italianos estavam perdendo seu território apropriado e construído na origem, para reorganizarem suas vidas em terras desconhecidas, vivenciando assim o processo de desterritorialização e reterritorialização conforme explica Saquet (2009).

A chegada em solo espírito-santense

Quando os grandes navios ancoravam no porto de Vitória – capital do Espírito Santo, os imigrantes italianos já se deparavam inicialmente com uma situação difícil em terras brasileiras. Presenciavam, de imediato, o desembarque de maneira precária, pois as condições de segurança eram péssimas. Após o desembarque, novamente embarcavam em navios de pequeno porte que se direcionavam para os portos menores situados no litoral espírito-santense (DADALTO, 2009). Destaca-se que no caso específico do grupo de imigrantes italianos em estudo, a maioria desembarcou no porto de Benevente¹³.

Segundo Dadalto (2009), após a quarentena no albergue, barracão ou hospedaria do imigrante, as famílias italianas eram direcionadas para localidades praticamente inabitadas, ou

¹³ Atual município de Anchieta/ES.

seja, para o interior do Espírito Santo, em especial para a região sul, que contou com um número expressivo de imigrantes em suas terras. Segundo os dados do acervo do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES), a Hospedaria dos Imigrantes da Pedra D'Água¹⁴ foi inaugurada em 1889 na entrada da baía de Vitória, atualmente pertencente ao município de Vila Velha¹⁵.

[...]. Ficou numa quarentena na... num lugar lá em Vitória próprio prus imigrantes né. Pá fazer aquela quarentena, pra num transmitir doença e num pegar doença. [...]. Aproximadamente foi em Anchieta na época, [...] ali acho que tinha [...] uma hospedaria que os imigrantes ficava quarentena. [...]. Depois foram, [...]. (V. Magri, 71 anos, Santa Rita do Itueto).

Partiam assim, em direção às montanhas da Serra do Mar para ocuparem e cultivarem o solo; muitos chegavam à região sul através dos rios, navegando ou utilizando picadas às suas margens. Realça-se que utilizando uma das duas vias de penetração no interior, os recém-chegados iam lentamente embrenhando-se nas terras que os recebiam. Aos olhos, novidades e estranhezas conforme ressalta Nicoli (2014).

Eles desceram em quarenta e cinco famílias [...] em Anchieta. [...] depois que eles chegaram lá, [...]. Eles gostaram muito. [...] o nome [...] Benevente, “bons ventos” quer dizer né. [...] É, “bons ventos”, porque ali o mar fazia uma zuera danada né. E era o vento. [...] Então, tudo era mato! [...]. Essas pobre família, [...] andava por uma picada a fora, acompanhando o rio, Rio Benevente, [...] horas de, de distância, foi picada até dentro da floresta né. E aí acharam um lugar, [...] nesse lugar eles apelidaram né, “Ao Primo”, que quer dizer, o primeiro lugar né. (J. Baptistin, 85 anos, Conselheiro Pena).

Eles chegaram por, por Alfredo Chaves mesmo. Por ali. Dizem que o Rio Benevente era navegável né. [...] é, muitos até viajaram né, pelo rio, pra procurar os lugar que êis ia ficar né, pelo Rio Benevente, hoje já não é mais navegave né [...]. Ele passa dentro de Alfredo Chaves. (A. Denadai, 83 anos, Santa Rita do Itueto).

Eu só sei que eles subiram no Rio Benevinte, eles chegaram [...]. É no Espírito Santo. Chegaram no Rio Benevente em São João de Alfredo Chaves. [...] Anchieta. [...] subia pro Benevente assim, nos pequeno barco a vapor né. [...] Foi muita gente. [...], as pequenas embarcações a vapor levando o pessoal imigrantes, né, pro rio acima ali, pra ter as, [...] promessas, cumprir as promessas que eram feitas né, [...]. Num tinha promessa nenhuma, era tudo solto no mato. (J. Magri, 67 anos, Santa Rita do Itueto).

[...], na época que eles vieram era num navio né, veio muita gente, veio um navio cheinho. [...] vieram de lá. [...], da Itália. [...] me parece que meu avô veio de lá com nove ano e minha avó veio com seis ano, eles vieram crianças. [...], eles vieram em companhia dos pais né, [...]. Ah, Anchieta. Espírito Santo. [...], lá que eles desembarcou tudo, a migração italiana é ali. Todo eles que vieram, desembarcou foi ali. Eles foram e desembarcaram ali. Dali certamente o governo brasileiro, o povo que estava esperando por eles, que foi combinado os dois governos, eles recebiam esse povo aqui, dali levaram eles, não se sabe como, [...] de algum jeito, de qualquer jeito. Que aquele tempo era mata pura né. Colocaram eles nesse lugar. (A. Nicoli 2, 81 anos, Itueta).

¹⁴ Conforme os dados extraídos do projeto **Imigrantes Espírito Santo**, os imigrantes que chegaram ao porto de Vitória até 1888 não passaram pela hospedaria da Pedra D'Água. Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo – www.ape.es.gov.br - Projeto **Imigrantes**).

¹⁵ Em 1924 o edifício foi transformado em Penitenciária do Estado, situação que permanece até os dias atuais. Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo - <http://www.ape.es.gov.br/imigrantes>.

Chegaram ali no Espírito Santo. [...]. Eu acho que foi em 1800 né. [...]. Subiram o Rio Benevente né, e foram parar lá em cima. E lá eles se colocó ali né. [...]. Tudo em mata! [...]. Veio tudo mundo. [...]. E tudo ficou ali no Espírito Santo, ali. (B. Benicá, 79 anos, Santa Rita do Itueto).

Ao chegarem a Benevente as primeiras famílias recebiam um lote de terra¹⁶, sempre margeando o rio. Com a chegada de outras levadas de imigrantes os lotes foram se distanciando das margens do rio, e aos poucos o território geográfico espírito-santense foi se transformando pelas mãos das famílias italianas, conforme afirma Nicoli (2014).

Lá, eles contam que eles ficaram em Benevente né. Quando chegou as famílias ficou em Benevente. [...] e eles foram pra abrir a terra berando o Rio Benevente né. Então berando o rio, a terra [...] saía cumprida, tombava morro pra lá né. [...] pra que eles abrisse tudo de uma vez. Então eles formaram em grupo, [...]. Sempre preferiam pegar mais junto né, aí dirrubaram a beira do rio toda de uma vez assim. No rio só vinha estreita né. [...], então todo mundo ficou beirando o rio. Do outro lado já eram outros. [...], então distamparam a região duma vez. (pausa). E eram muitas famílias! [...] distamparam o rio todo. (M. Ton, 77 anos, Santa Rita do Itueto).

As narrativas expostas confirmam o objetivo de povoamento do projeto imigrantista do Espírito Santo, conforme enfatizado por Dadalto (2009), e corroborado por Colbari (1997), quando alega que, com o objetivo de colonizar e povoar extensas áreas desabitadas e improdutivas, os núcleos coloniais espírito-santenses foram constituídos de pequenas propriedades cultivadas pelas famílias de imigrantes.

Destaca-se que a integração dos imigrantes italianos à agricultura no Espírito Santo encontrou várias barreiras. Em primeiro lugar, eles vinham de outro aprendizado de produção. Aliada a isso, houve também uma falta de política de orientação, objetivando ajudá-los a se adaptarem ao novo ambiente. Eles viveram numa sociedade eminentemente rural, alojados em colônias, isolados dos principais centros de comercialização e da produção político-cultural conforme ressalta Dadalto (2009).

O verde das florestas foi se transformado em verdes de lavouras de café pelas mãos das famílias italianas, confirmando assim a informação de Busatto (1990) de que os imigrantes vinham com o objetivo de praticar agricultura.

[...]. Vieram de navio, desembarcaram em Vitória. Aí o governador do Estado naquela época trouxeram pras mata [...]. Colocaram eles nas mata. [...]. Trabalhar, plantar café. Porque o governo do Estado naquela época queria renda. Aí porque quê ele levava pras mata? Pra poder dirrubá as mata, plantá o café, pra colheita do café dá lucro. (N. Nicoli, 58 anos, Itueta).

Dadalto (2009) demonstra que esse contingente familiar foi o responsável pela produção de uma agricultura para exportação, em pequenas propriedades. Isso ocorreu devido à orientação dada aos imigrantes, centrada na formação de lavoura de café - o incremento da

¹⁶ O tamanho dos lotes de terra adquiridos pelos imigrantes italianos no Espírito Santo ficava em torno de 25 hectares (POSENATO, 1998, p. 236). No entanto, em trabalho de campo foi constatado a ocorrência de erros de demarcação, podendo existir lotes com dimensão bem inferior.

cultura cafeeira no Espírito Santo ajudou a promover o desbravamento, culminando no seu desenvolvimento.

Enfatiza-se também que, no contrato firmado entre os governos da Itália e Espírito Santo, havia os direitos e deveres a serem cumpridos pelo Estado e pelos imigrantes. Dos deveres do imigrante italiano, um era o compromisso de que, após seis meses do recebimento do lote, já deveriam existir uma área roçada e plantada de aproximadamente meio hectare e uma casa construída. A obtenção do título definitivo ocorreria somente depois de cumpridos todos os compromissos com o governo, como ressalta Colbari (1997).

Dava a terra. Um pedaço de terra. [...], eles contava que era maior dificuldade deles consegui a ferramenta. [...] levaram eles e colocaram eles em [...] família, cada grupo de família, [...] em alqueires de terra. [...], ali eles desmataram, [...]. Até eles começá colhê as coisas, eles derrubaram as mata, o governo arrumou as ferramenta e plantaram né, café. Que italiano gosta muito do café, [...] eles são trabalhador. Começou cultivá assim que venceu o ano, mais ou menos por aí afora, dois anos no máximo, [...] já tava produzindo as coisa de comê, bebê, [...]. (A. Nicoli 2, 81 anos, Itueta).

O Sr. J. Baptistin realça em sua narração que os principais motivos, pelos quais as famílias italianas vieram para o interior do Espírito Santo foram o preço da terra fértil e a existência de florestas. Também menciona que uma das primeiras construções a ser erguida foi uma capela para as orações. Segundo Zanini (2010) e Franzina (1991), a tradição religiosa vêneta é a católica, sendo os venetenses religiosíssimos e conservadores.

Eles vieram é por causa das mata. Pensa bem né. Mas sofreram. Pensa bem quanto que sofreram. Então, foram se distribuindo. Ôh, o primeiro lugar que eles tiveram na mata, que eles abriram, fizeram uma igreja de pedra, [...]. (J. Baptistin, 85 anos, Conselheiro Pena).

Considerando que o objetivo do projeto imigrantista do Espírito Santo era o desbravamento e povoamento baseados na pequena propriedade familiar, com a formação das famílias dos filhos de imigrantes italianos, as primeiras propriedades destinadas a eles se tornaram pequenas em relação ao aumento do núcleo familiar. O que resultou na necessidade de mais terras para a produção agrícola e sustento da prole como afirma Nicoli (2014).

[...]. Eles eram uma família grande né, e [...] depois o pessoale foi crescendo, foi derrubando mata e o povo foi crescendo, [...]. Lá no Espírito Santo. [...]. Tudo ali. E ali foram [...] se espalhando esses italianos. [...]. Se espalharam assim, [...] foi nascendo filhos né, [...] e netos, juntou muita gente. [...] então eles queriam mata, começou a se espalhar [...]. (J. Baptistin, 85 anos, Conselheiro Pena).

Diante da necessidade de outras terras para as novas famílias constituídas, uma das primeiras opções foi a migração para localidades mais próximas à região de Alfredo Chaves que ainda estavam praticamente inabitadas. Consequentemente, a migração interna no Espírito Santo ocorreu num período em que houve a constituição de numerosas famílias descendentes de imigrantes, e não havia a possibilidade de sustentar a prole apenas com o pedaço de terra adquirido no momento da chegada em solo espírito-santense (NICOLI, 2014).

Entre as localidades selecionadas pelos filhos dos imigrantes está a região de Castelo, também localizada no sul do Espírito Santo. O povoamento dessa região contou com a participação das famílias de imigrantes italianos a partir do final do século XIX. Enfatiza-se que os colonos eram camponeses vindos da Itália e de outras regiões do Espírito Santo (CASAGRANDE e BARBIERO, 2012).

O Sr. A. Nicoli 2 relata a existência de uma fazenda em Castelo pertencente a um cafeicultor que empregava mão de obra escrava. A fazenda¹⁷ entrou em decadência econômica, por razões desconhecidas, e foi adquirida pela congregação religiosa dos Agostinianos. Um dos religiosos, juntamente com o governo estabeleceu a vinda de famílias italianas, no intuito de povoarem a região baseando-se na pequena propriedade familiar.

De lá a história é essa: havia uma fazenda [Fazenda do Centro] lá de dois mil e oitocentos alqueires de terra. Era dos escravos, [...]. Um casão [...] alto, [...] um desajeiro. É um trem bonito, [...]. [Depois da escravidão] o vigário do lugar lá, ele ajeitou uma maneira com o governo [...], compraram essa terra que era [...] do fazendeiro. [...] E aí o padre começou a medir tudo em lote de cinco (05) alqueire. [...]. Ele foi levando esse povo pra lá e vendeu. Não deu, vendeu. O padre vendeu pra eles, cinco (05) alqueire de terra pra cada um. Ele fez as escrituras, fez tudo bonitinho, certinho, [...]. Da terra que eles [imigrantes italianos] tinha ganhado do governo cá, venderam cá [referindo à região de Alfredo Chaves]. Ajeitaram e foram pra lá [referindo à região de Castelo]. O padre foi colocando essas família tudo, tudo de origem, tudo, tudo origem, tudo gente que veio de [Alfredo Chaves]. [...]. A fazenda era grande, quase que era tudo mato. Tinha as aberta, onde que era a sede da fazenda. [...], muito café né. Naquele tempo o negócio era café né. [...]. Era mata pura. Não havia estrada, havia picada [...] pra chega nas terra. [...]. (A. Nicoli 2, 81 anos, Itueta).

Segundo Paula (2013) o casarão, situado na sede da Fazenda do Centro, é testemunha de um período marcado pela mão de obra escrava e de senhores latifundiários, de uma sociedade dividida fundamentalmente nestas duas classes. Sobre a mudança de uma fazenda latifundiária em um núcleo colonial, Paula (2013, p. 20-21) descreve:

Foi-se a escravidão, veio a ruína. Dos escombros, brotou novamente a vida no local, sob uma nova estrutura latifundiária e econômica: antes, a Fazenda do Centro, latifúndio dos senhores de escravos; depois, o Núcleo Colonial da Fazenda do Centro, de um grupo de frades espanhóis e algumas famílias, em sua maioria, de imigrantes italianos ou seus descendentes. [...]. Todos estes descendentes de imigrantes italianos têm algo em comum, além das origens de seus antepassados: são pequenos proprietários, cujos avós vieram das colônias nos arredores de Alfredo Chaves, acompanhando um frade agostiniano recoleto, [...].

Eles quiria assim: ficar mais bem de situação né. (...). Ser melhor pra viver. Porque sair de lá né, pra vim parar [...] em Cachoeiro do Itapemirim, Castelo por aí né. (M. Grobério, 68 anos, Itueta).

[...] aí compraram [...] uma terra [...]. Casou e foram morar lá [Castelo]. Aí derrubaram a mata, plantaram muita lavoura. [...], aí eles formaram lavoura, [...] de café. (V. Magri, 71 anos, Santa Rita do Itueto).

E ali eles derrubaram um pedaço de mata pra cada um. [...]. E ali eles apossava, [...] e daí eles ia trabalhando, derrubando uma mata, formando mais café, aumentado a casa mais um pouquinho. [...], eles tinha muito café formado e trabalhava todo mundo. [...], é menino, mulher, todo mundo ia pro serviço. [...]. Da manhã à noite. Muito trabalhadores, formaram muito café. A vida deles foi no café.

¹⁷ Atualmente é conhecida como “Fazenda do Centro”, localizada no município de Castelo/ES.

Não foi boi e outras coisa não. Colhia muito café. [...]. Mas naquela época [época que houve o aumento no valor do café] que eles fizeram um dinheirinho, que conseguiram fazer casa boa, melhorar a situação e [...] daí por diante esse povo foi melhorando e comprando mais terra de um, de outro [...]. (A. Nicoli 2, 81 anos, Itueta).

Salienta-se que, diferente das famílias italianas que utilizaram o rio ou as picadas para penetrar no Espírito Santo, as novas famílias constituídas em solo espírito-santense usaram as picadas e a Estrada de Ferro Sul. Segundo os documentos do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES), há mais de um século a Estrada de Ferro Sul¹⁸ faz parte do trajeto geográfico e do cotidiano das pessoas por onde seus trilhos percorrem.

A partir das narrações sobre a vida nas terras espírito-santense, é possível perceber que as famílias de imigrantes italianos transformaram as localidades em um território apropriado e construído, a partir das relações sociais estabelecidas, que se materializaram e se reproduziram, desde a chegada ao Espírito Santo. Conforme enfatizado por Saquet (2003), o território é apropriado e construído socialmente, fruto do processo de territorialização, e a territorialidade é o desenrolar de todas as atividades diárias que se efetivam.

Ao longo dos anos, o espaço físico do Espírito Santo, onde se estabeleceram as famílias italianas e seus descendentes, foi se transformando num território geográfico onde predominou a pequena propriedade familiar. Entretanto, com o passar do tempo configurou um panorama de estagnação econômica¹⁹ e de impossibilidade de garantir o sustento das novas famílias, constituídas pelos filhos dos imigrantes, resultando um contexto de fracionamento da terra. Diante da circunstância, uma alternativa foi uma nova migração, com destino às terras mineiras. O motivo dessa preferência era a qualidade e o baixo valor das terras, a abundância de nascentes de água e as florestas (NICOLI, 2014).

A formação do território “italianizado” em terras mineiras

Assim como as famílias italianas que partiram da Itália para o Brasil, no século XIX, as novas famílias constituídas pelos filhos dos imigrantes estabelecidos no Espírito Santo optaram por migrar, quando suas pequenas propriedades já não ofereciam mais condições para o sustento do núcleo familiar conforme afirma Nicoli (2014).

É importante enfatizar que, além do benefício comercial oferecido pela ferrovia, outro benefício, conforme ressaltou Espíndola (2005), foi a possibilidade de transporte oferecida

¹⁸ O empreendimento iniciou-se em 1892 sob o controle do Estado, indo até 1907. Depois passou para a iniciativa privada. O primeiro projeto ferroviário foi materializado no sul do Espírito Santo provavelmente pelo crescente incremento na produção cafeeira impulsionada pela chegada dos imigrantes. Fonte: (<http://www.ape.es.gov.br/index2.htm>).

¹⁹ Essa estagnação econômica era resultado da falta de infra-estrutura para o escoamento do excedente de produção aliada à falta de mais terras para que os filhos dos imigrantes pudessem produzir (DADALTO, 2009).

aos migrantes. Destaca-se que tanto a Estrada de Ferro Sul quanto a Estrada de Ferro Vitória a Minas foram fundamentais para a realização do desejo de migrar rumo às terras mineiras, localizadas na divisa interestadual de Minas e Espírito Santo²⁰ (NICOLI, 2014).

Segundo Nicoli (2014), ao chegar em solo mineiro, uma das belezas que mais impressionou as famílias de imigrantes italianos nas terras de Itueta e Santa Rita do Itueto foi a enorme floresta. Esta se tornava ainda mais deslumbrante na medida em que o sentimento de concretizar seus objetivos se tornava mais forte. Por isso, ao se perguntar aos descendentes mais antigos residentes na região como eram as localidades, quando ali chegaram os seus antepassados ou quando eram crianças, é muito comum responderem: “*Era Mata Pura!*”

[...]. Meu pai quando veio para Minas, [...] era mata purinha. [...] Santa Rita era mata pura! [...]. Não tinha nenhuma casa. Era mata pura! (A. Bersan, 94 anos, Resplendor).

Era só mata. Só matas. Não tinha [...] café, milho, pasto, essas coisas, era tudo mata. (R. Benicá, 70 anos, Santa Rita do Itueto).

Outra atração era a existência de nascentes de água em grande quantidade.

Porque a intenção do italiano na época era muito simples. Era uma vida simples que eles tinham. Eram de chegar num lugar onde tivesse uma água alta, pra eles produzir ali, um milho, [...] e fazer o fubá e fazer a polenta e comer [...]. Essa é a base da alimentação deles. (J. Ton, 65 anos, Santa Rita do Itueto).

[...] os italiano antigo falava assim: “aonde é que tem muita água e tem queda de água, tem prosperidade.” (J. Magri, 67 anos, Santa Rita do Itueto).

O terceiro encanto era a fertilidade do solo. Segundo Espíndola (2005), a fertilidade das terras, após a derrubada da mata/floresta, era o principal fator que impulsionava a ocupação do Sertão. Deste modo, a fertilidade e o preço baixo das terras se comparados a outras localidades, foi o principal fator de atração das famílias de imigrantes italianos que optaram por migrar para as terras das Gerais como realça Nicoli (2014).

[...], é muita fartura. Eles só falam que tinham muita fartura. Que nossa mãe! Aqui era uma benção, que tudo que plantava até estragava, fartura demais! [...]. Porque tudo que prantava dava com fartura, né. (J. Magri, 67 anos, Santa Rita do Itueto).

Destaca-se que as famílias de origem italiana possuíam um alto conhecimento de técnicas para trabalhar na terra, e a experiência adquirida em terras espírito-santense foi de fundamental importância para iniciarem uma vida nova nas terras pouco habitadas do Sertão do Rio Doce. A agricultura foi, portanto, a base econômica da ocupação humana nas terras mineiras de Itueta e Santa Rita do Itueto (NICOLI, 2014, p.87).

A chegada às terras mineiras desses migrantes ocorreu no início do século XX, promovendo uma nova configuração ao território, inserindo novas técnicas de manejo da

²⁰ A primeira ferrovia fazia o transporte do interior do Espírito Santo para a capital Vitória, e a segunda fazia o transporte até a divisa interestadual.

terra, novos costumes e valores. Para compreender a trajetória e a inserção das famílias de migrantes italianos em Minas, foi necessário um esforço de pesquisa qualitativa mediante o trabalho de campo pautado na História Oral (NICOLI, 2014).

Eles eram tudo casado sabe.? Então êis começo adquirir filho, essas coisas... E lá a propriedade era muito pequena e já tinha um dinheirinho guardado lá e vieram para aqui porque aqui os terreno era baratinho né. Então eles veio e se possiaram aqui. [...]. Barato. Baratinho [se referindo ao preço da terra em Minas]. (A. Nicoli 1, 81 anos, Itueta).

A migração interna tinha como objetivo a procura de mais e melhores terras – projeto que vieram construir e concretizar por meio do árduo trabalho, utilizando estratégias individuais e coletivas capazes de garantir a sobrevivência conforme ressalta Dadalto (2009).

Ao decidirem emigrar para Minas estes adquiriam mais terras com preços mais em conta em relação ao Espírito Santo e para a sobrevivência da família mais terras teriam. E os que ficaram [ES] passariam a ter mais terras, pois houve o esvaziamento das terras por algumas famílias. Então, era solução para quem permanece [ES] e para quem migra [MG]. (M. Ton, 77 anos, Santa Rita do Itueto).

Conforme Franzina (2006) *apud* Dadalto (2009), a terra significava, para eles, o porto para o qual se voltavam todas as esperanças, talvez até a meta das maiores ambições. Nesse sentido, a posse da terra era um desejo que representava o prêmio dos esforços de todo o árduo trabalho e da possibilidade de ascensão social, a partir da pequena propriedade. Há uma tradição das famílias de imigrantes italianos de apego à terra que qualifica o espaço e o aprofunda. Assim, o apego ao solo o torna abrigo de histórias e valores, conforme enfatiza Pierron (2003).

Segundo os descendentes, os pais e os *nonos* sempre contavam como foram difíceis a chegada, a instalação, a derrubada da mata, a construção das primeiras casas para abrigo da família e a formação das primeiras lavouras.

A vinda pra cá naquela época era bem difícil, porque trem de ferro naquela época era tocado à lenha [...]. É Maria Fumaça é. Era demorado vim de lá aqui. Eles levaram dois dia dá onde eles morava pra vim pra Castelo [...]. Eles pegava o trem de ferro pra Vitória. E vieram. Eles venderam tudo os trem que tinha. Eles só trouxeram os menino e uma bagagemzinha pouca, [...] porque era longe [...]. Era quase mata pura, estrada ruim. [...]. Saí de um lugar santo pra vim pra um lugar desse, no meio de uma mata... (A. Nicoli 2, 81 anos, Itueta).

[...] naquela época, [...]. Aqui era mata pura! [...]. Era mata purinha, purinha! Aí êis [...] fazia [...] aquelas barraca. Aí, ali eles ficava e começava a dirrubá pra pode começar a vida. (A. Benicá, 73 anos, Itueta).

Tudo mata pura. Lutando com dificuldade e tali, foi assim. A vida aqui foi trabalhar, lutar e trabalhar. (S. Daros, 97 anos, Santa Rita do Itueto).

As experiências narradas mostram a difícil tarefa de transformar aquele espaço em um território. A Mata Atlântica não apresentava condições para viver e a decisão de sair de um território conhecido, levava os desbravadores a pensar que deixaram um lugar santo. A família deveria transformar a mata em terras cultivadas e moradia, mas talvez o desafio maior

seria *re-significar* a mata como oportunidade de trabalho. Na realidade, a terra comprada era apenas uma projeção, um projeto de futuro que, no momento da chegada, se apresentava bem distante do sonho acalentado em cultivar boas porções de terra. Um sonho que os levava a pensar na alegria das colheitas, mas poupava-os dos momentos penosos do desbravamento (NICOLI, GENOVEZ e SIQUEIRA, 2013).

O novo território nas terras mineiras de Itueta e Santa Rita do Itueto, apesar de inóspito, se constituía na oportunidade de reviver o sonho da primeira geração de imigrantes italianos que vieram para o Brasil, mais precisamente para o Espírito Santo, com a promessa de terra farta e inteiras condições de desenvolvimento. A impossibilidade de manter o sustento das novas famílias constituídas em solo espírito-santense lançou-os rumo ao desconhecido, como os seus antepassados (NICOLI, GENOVEZ e SIQUEIRA, 2013).

A mata que tanto impressionava as famílias dos migrantes era, no fim, a única chance de se tornarem proprietários de um pedaço de terra em Minas Gerais. Assim, decidiram migrar em busca de novas oportunidades. Nessa perspectiva compreendem-se a dedicação e o esforço das famílias de migrantes italianos que, por volta dos anos de 1920, chegaram à região em estudo e logo compraram pequenas propriedades. Outras trabalharam como colonos e/ou meeiros em terras de familiares ou amigos, e mais tarde adquiriram sua própria terra conforme descreve Nicoli (2014, p. 89-90).

A luta do dia-a-dia das famílias de migrantes, nos primeiros anos de chegada em terras mineiras, foi de desmatamento para a formação das lavouras. Também, utilizando-se da madeira disponível na mata, construíram suas casas, currais e galpões para armazenar os produtos colhidos. As famílias que chegaram à região, após a instalação dos primeiros migrantes italianos, receberam ajuda desses através de mutirão, quando todos ajudavam a preparar o terreno para iniciar a plantação das sementes (NICOLI e SIQUEIRA, 2012).

Saquet (2003) acentua que a força de trabalho na prática agrícola era totalmente familiar. Nos momentos de plantio e de colheita muitos praticavam os mutirões, motivados pelas dificuldades, relações de parentesco e vizinhança, solidariedade e pela identidade cultural herdada da Itália. Trento (1989) ressalta que a tradição de mutirão vem da região de Treviso na Itália, sendo uma prática muito comum entre as pessoas daquela região.

Já tinha muita gente de lá [ES] aqui, [MG][...]. No domingo de manhã, eles subiram a pé [...] aquela serra [...]. Já tinha feito os acervos pra poder entrar na mata. Aí [...] juntô mais gente, vieram mais gente [...] pra pranta milho, feijão, arroz, [...] naquela varge ali. [...]. Naquela baixa ali, [...]. Choveu pra valer, choveu pra prantar. [...], eles aproveitaram, [...] arrumou muita gente e falou: “vamos prantar o milho!” [...]. A semente de milho, feijão tudo que vinha de prantar. [...], juntou muita gente e vieram e prantaram. Prantô o milho, prantou feijão, prantou o arroz, prantou tudo, como foi muita gente. [...]. Ajudava em tudo! Na doença, em tudo. Eles eram unido. (A. Nicoli 2, 81 anos, Itueta).

Enfatiza-se que a produção era familiar e todos os homens, mulheres e crianças trabalhavam na terra. De tal modo foram ampliando suas terras que se tornaram importantes produtores de café²¹, além de criadores de gado para corte, produção de leite e queijo, até os dias atuais²² (NICOLI e SIQUEIRA, 2012).

Mesmo com a possibilidade de diversificação da atividade econômica, segundo Nicoli (2014), as famílias de migrantes e descendentes não praticaram uma pecuária extensiva, como ocorreu em outras localidades da Mesorregião mineira do Vale do Rio Doce. Convém evidenciar que uma das especificidades dos municípios em estudo, onde se contou com a ocupação de descendência italiana, foi a preservação das matas.

Merece ênfase também, a diferenciação no manejo da terra, no cuidado para com as ferramentas e implementos de plantar/colher, nas maneiras de plantar, colher, guardar e limpar os alimentos. Somam-se a isso o cuidado com a preservação da terra e da área verde, o cuidado com o “terreiro” e a organização do celeiro. Em seus relatos, os descendentes enfatizam que essa é uma herança que receberam de seus antepassados (NICOLI, 2014).

O cotidiano dessas famílias em terras mineiras não foi diferente do que se presenciou em solo espírito-santense. O empenho do dia-a-dia se fez através de árduo trabalho, para que o objetivo principal de se tornarem proprietários de terras se tornasse realidade. Lavorar era preciso, pois somente assim alcançariam o sonho da posse de terras conforme Nicoli (2014).

E o tempo colhia bem. Colhia as coisas. Plantava o milho, plantava arroz, feijão, plantava café. A gente mesmo. Nós trabalhava. E o nosso pai não botô nós na escola. Nunca quis pô. Ele brigava com a gente para gente não ir na escola. Ele queria que a gente trabalhasse. [...]. Então eu ia pra roça também junto. Fazia pouco, mas o pouco que fazia já ajudava. [...]. Ah... [...] a gente não tinha folga não. Só dia de domingo. Ah, eu também. Trabalhei demais. (L. Marchioro, 73 anos, Itueta).

Ah, a minha infância foi a mais sofrida que vocês pensarem. Ah, eu trabalhava demais na roça. Com seis anos meu pai botava a gente na enxada. [...], trabalhava a semana inteira, quando chegava sábado e domingo a gente tinha que lavar roupa pra segunda-feira. É, costurava o domingo. [...]. Todo o serviço que num podia fazer na semana tinha que ser feito no domingo. A gente não tinha folga pra nada. Assim com seis anos a gente fazia comida, [...]. É, foi muito sofrido. Eu puxava enxada o dia inteiro, [...], sofri demais na roça. (M. Campos Dell’Horto, 55 anos, Resplendor).

Todo mundo trabalhava. Era mulher, homem, mulher casada, tudo ia para a roça. E nós de dia? No cabo da enxada. Pra enxada. O dia inteiro. Capinar café, dirigiçar café, panhar café, tudo. É, a vida era apertada. [...]. Meu Deus do céu! (A. Nicoli 1, 81 anos, Itueta).

Em todas as narrativas está presente o intenso trabalho de toda a família, que se torna uma forte marca identitária desse grupo de migrantes que se estabeleceu em terras mineiras.

²¹ No Vale do Rio Doce, a cultura do café concentrou-se nos municípios de Caratinga, Conselheiro Pena, Itueta, Resplendor e Santa Rita do Itueto (INFORMATIVO da Prefeitura Municipal de Santa Rita do Itueto, 2006).

²² Segundo o Censo Agropecuário 2006, no município de Itueta 82,6% dos estabelecimentos rurais são propriedades de agricultura familiar. Essas propriedades ocupam 57% da área total utilizada. Em Santa Rita do Itueto 80,2% são propriedades de agricultura familiar de um total de 46,3% da área utilizada.

Para os imigrantes e seus descendentes, era o trabalho que os dignificava. Afinal, foi por esse motivo que muitas famílias se deslocaram da Itália rumo ao Brasil, em busca de condições de trabalho e sobrevivência (NICOLI, GENOVEZ e SIQUEIRA, 2013).

O cotidiano desde a infância era regado pelo trabalho de “*estrela a estrela*”, como enfatizou o descendente V. Magri. O ensino escolar não era uma prioridade, pois a família era vista como unidade de produção. Em alguns casos, porém, havia os que tinham o anseio de que os filhos aprendessem ao menos a ler e escrever, para isso providenciou-se a contratação de alguns professores práticos para ensinar esses aspectos básicos conforme Nicoli (2014).

A escola, nossa [risos] aí naquele tempo, [...]. Todo mundo analfabeto. Ninguém estudô. [...]. Ah, então a escola foi assim, eles ajuntaram o pessoal, a vizinhança do lugar, não havia escola da prefeitura, nem do Estado. Não havia escola! E nem casa de escola. Juntava o povo né, [...] naquela época, ajustava, ia buscar fora por que aqui num tinha não. [...], contratava esse [...] professor né. [...]. Aí os pai que pagava né, [...] pagava uma parte de cada um, [...]. Todo mundo pagava. [...]. Os adulto só de noite, [...] porque de dia, já amanhecia no mato trabalhando. Só mesmo as crianças [...] é que ia à escola de dia. [...]. Então, naquela época, [...] eles arrumaram esse professor [...]. (A. Nicoli 2, 81 anos, Itueta).

Ressalta-se que os *nonos*, pais e netos se dedicaram ao trabalho e não tiveram a oportunidade de se dedicar aos estudos, mas os netos passaram a investir na educação de seus filhos. Portanto, as gerações mais novas tiveram a oportunidade aos estudos (NICOLI, 2014).

É fundamental, segundo Nicoli (2014), evidenciar a participação das mulheres, tanto no âmbito doméstico quanto na lavoura, para a economia familiar. Além dos serviços domésticos e educação dos filhos, também cuidavam da horta, terreiro, criações e participavam ativamente dos trabalhos na lavoura.

O cotidiano dessas famílias não foi apenas de trabalho árduo. A semana era toda regada pelo trabalho na lavoura, porém havia os momentos festivos em que conseguiam expor suas alegrias. As festividades religiosas, culturais e casamentos eram tidas como momentos de encontro com os parentes, amigos e vizinhos. Eram comemoradas por todos e, fora os domingos, eram os únicos dias em que as famílias não trabalhavam na terra (NICOLI, 2014).

Realça-se que, como essas famílias já haviam passado por um processo de reterritorialização em outro local, os traços culturais encontravam-se alterados em relação à originalidade italiana. Assim, tantos os traços de continuidade quanto os de descontinuidade em relação à cultura de origem foram fundamentais para redefinirem a própria identidade nessa nova relação com o novo ambiente (NICOLI, GENOVEZ e SIQUEIRA, 2013).

Trouxeram para as terras mineiras, além de suas práticas de cultivo da terra, suas tradições, seus costumes, suas festas e sua religiosidade que acabaram moldadas pelas condições geográficas, climáticas e culturais do novo ambiente (NICOLI, 2014). As crenças,

os valores e o ritmo de vida são ditados pela necessidade do trabalho, pelas condições modestas e pelas tradições herdadas conforme argumenta Espíndola (2005a).

Era só italianos! [...]. E os italianos são muito alegre, muito felizes, [...], existe ainda, a tarantela, todo mundo cantando as músicas italiana, [...], que eles cantavam, quando eles vieram, [...]. Ah era assim, [...] trabalhavam muito. Mas era assim, todos feliz, [...] a tarde chegava do trabalho, tomava um banho, jantava, rezava o terço, [...]. Todo mundo ajoelhava nos banco na sala assim, rezava o terço depois ia dormir. Quando era no domingo, [...] todo mundo ia pro terço [...] numa igreja piquena, [...] aí rezava o terço. As mulheres ia embora, ficava em casa, né. [...], preparava a tradicional sopa de galinha com aquele macarrão talharim feito em casa, que era uma delícia, né. Gostoso com aqueles prato de queijo ralado enorme na mesa assim, e eles cozinhava a galinha e desfiava e botava nos prato a galinha desfiada e depois cozinhava o macarrão naquela água da galinha. Então aquela sopa suculenta, gostosa com [...] bastante queijo em volta, [...] num podia faltar à polenta [...]. Aí sentavam, iam cantar, rezar, [...]. Então era uma vida feliz, [...]. (R. Benicá, 70 anos, Santa Rita do Ituetto).

A festa que eles fazia, mais é de italiano aí nas época. Naquelas época, vamos dizer na comida, as comida que eles põe, [...], era a bebida alcoólica e o vinho, vinho e alguma cachaça ou outras bebida quente, e a comida era um feijão, eles falava tutu de feijão. Hoje [...] eles fala feijão tropeiro, naquele tempo falava tutu de feijão. Fazia, macarrão à vontade, por exemplo, tipo comida assim, de servir mesa né, prato. Todo mundo comia no prato e mais as bebida era o vinho, um pouco de bebida alcoólica e eles cantava muito a música italiana. [...]. Cantava aquelas músicas na língua italiana e tocava. Tinha [...] uns que tocava, uns italiano véio que tocava também... [...]. Tocava a Sanfona. Mais essa sanfona oito baixo, trinta baixo, sanfona pequena, [...]. Nós dançava assim: o sol cobria lá... acendia as lamparina, era lampião nas parede assim, com óleo, lampião. (A. Nicoli 2, 81 anos, Ituetta).

Só tinha italiano em Santa Rita. [...]. A festa era o [...] baile. Tinha muito baile. Dançava muito. [...], dançava todo mundo! (J. Baptistin, 85 anos, Conselheiro Pena).

Salienta-se que as famílias de migrantes italianos e seus descendentes mantiveram uma relação de respeito e amizade com os não descendentes de italianos²³ que viviam na região em estudo. Entretanto, os casamentos só aconteciam entre as famílias de descendência italiana. O casamento com os brasileiros, como designavam os não descendentes, não era bem aceito. A partir dos relatos, o melhor era que se casassem entre os de mesma descendência, pois tinham os mesmos costumes e valores. Atualmente, descendentes a partir da quarta geração parecem não possuir restrições ao casamento com não descendentes, mas ainda se referem a esses como “brasileiros” (NICOLI e SIQUEIRA, 2012).

O meu pai ele era muito racista. Nossa senhora! Ele não queria que nós casasse com brasileiro de jeito nenhum. Ele não queria que a gente misturasse a raça de jeito nenhum. Nossa mãe! Ele tratava muito bem, mas, misturar o sangue não. [...]. Italiano com italiano. Ele falava: “brasileiro com brasileiro. Italiano com italiano”. (L. Marchioro, 73 anos, Ituetta).

Tudo italiano! Ocê cruzava, que ocê num achava um brasileiro. Tudo italiano. [...]. Nós casava tudo entre nós. (A. Benicá, 73 anos, Ituetta).

Os enlances matrimoniais entre as famílias de migrantes italianos também eram comemorados com muita festa, comidas típicas, canções e danças italianas.

Naquele tempo tinha as dança boa de dançar [...]. Aquele tempo nós dançava bem o xote, a valsa, a rancheira que alguém fala mazuca [...]. Era esses toque assim, que nós dançava, o xote. Pro cê ter

²³ Enfatiza-se que embora apenas uma pequena parte dos imigrantes tenha nascido na Itália, eles e seus descendentes se denominam italianos e atribuem aos não descendentes o adjetivo de “brasileiros”.

uma idéia, dançava era sempre em casa [...] de assoalho [...], a sanfona, o italiano trata como remônica... [...] remônica [...]. E o sanfoneiro. Até o dia clarear... [...]. (A. Nicoli 2, 81 anos, Itueta).

Conforme Nicoli (2014), entre os descendentes mais antigos residentes em Itueta e Santa Rita do Itueto, ainda há a permanência do dialeto italiano, de comidas típicas, danças e canções italianas. A culinária é uma das marcas mantidas pelos descendentes. A polenta cortada com barbante, ministrone ou ministra são ainda alimentos servidos nas festividades.

Enfatiza-se que a maior relevância nas narrativas sobre os momentos fora das tarefas cotidianas é o momento festivo. Os relatos indicam que as festas eram de italianos, o que reforça a identidade do grupo e os elos de solidariedade e sociabilidade. A comida, a música e a dança traziam de volta momentos da terra natal e reconstituía, no novo território, um ambiente agradável e alegre conforme mencionam Nicoli, Genovez e Siqueira (2013).

Considerações finais

Nesse sentido, pode-se concluir que as famílias de migrantes italianos e seus descendentes foram agentes de sua própria história, no sentido de construir seu próprio espaço num território desconhecido. Assimilaram novos costumes e mantiveram os traços culturais da sociedade de onde vieram. Ao longo de quase um século, após a chegada às terras mineiras, o novo território foi construído e apropriado, a partir das relações sociais, por essas famílias e se tornou um território “italianizado” nas terras das Gerais. Realizou-se, assim, o objetivo de fazerem das novas terras “la nuova pátria”.

Evidencia-se, na análise dos relatos dos descendentes, um elemento básico – a memória. Ela é fator fundamental na construção da tradição familiar e da história passada para as gerações. Aos filhos, netos, bisnetos e a outros familiares são transmitidas as lembranças de pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com o qual estabelece contatos, correlações, aproximações, repulsas e afeições.

Assim, o passado e a memória desses atores sociais atualizam e intensificam a consciência de pertencimento, traduzida numa identidade étnica que aflora na história contada e recontada. Portanto, ao comprarem porções de terras em lugares inabitáveis, buscavam, também, um solo onde pudessem inscrever sua história construída no outro lado do oceano.

Fontes Orais

- A. Benicá, 73 anos. Relato Oral realizado em 13/10/2011. Itueta-MG.
A. Bersan, 94 anos. Relato Oral realizado em 07/09/2011. Resplendor-MG.
A. Denadai, 83 anos. Relato Oral realizado em 14/05/2012. Santa Rita do Itueto-MG.
A. Nicoli 1, 81 anos. Relato Oral realizado em 13/10/2011. Itueta-MG.
A. Nicoli 2, 81 anos. Relato Oral realizado em 08/09/2011. Itueta-MG.
B. Benicá, 79 anos. Relato Oral realizado em 14/05/2012. Santa Rita do Itueto-MG.
- J. Baptistin, 85 anos. Relato Oral realizado em 14/10/2011. Conselheiro Pena-MG.
J. Magri, 67 anos. Relato Oral realizado em 25/02/2012. Santa Rita do Itueto-MG.
J. Ton, 65 anos. Relato Oral realizado em 14/10/2011. Santa Rita do Itueto-MG.
L. Marchioro, 73 anos. Relato Oral realizado em 13/10/2011. Itueta-MG.
M. Campos Dell’Horto, 55 anos. Relato Oral realizado em 07/09/2011. Resplendor-MG.
M. Grobério, 68 anos. Relato Oral realizado em 31/07/2012. Itueta-MG.
- M. Ton, 77 anos. Relato Oral realizado em 29/07/2012. Santa Rita do Itueto-MG.
N. Nicoli, 58 anos. Relato Oral realizado em 12/11/2012. Itueta-MG.
R. Benicá, 70 anos. Relato Oral realizado em 24/02/2012. Santa Rita do Itueto-MG.
R. Cremasco, 80 anos. Relato Oral realizado em 10/07/2012. Santa Rita do Itueto-MG.
S. Daros, 97 anos. Relato Oral realizado em 24/02/2012. Santa Rita do Itueto-MG.
V. Magri, 71 anos. Relato Oral realizado em 14/10/2011. Santa Rita do Itueto-MG.

Referências Bibliográficas

- ALVIM, Zuleika Maria Forcione. O Brasil italiano (1880-1920). In: FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- BASSANEZI, M. S. B. Imigrações Internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, Neide L. (Org) **Emigração e Imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP-1995. v. 1 p. 3-35.
- BRITO, Adilson Aguiar; PINHEIRO, Tiago Cisalpino. O processo econômico de ocupação do Médio Rio Doce. In: REZENDE, Marcos; ÁLVAREZ, Ricardo. (Org). **Era Tudo Mata**: o processo de colonização do Médio Rio Doce e a formação dos municípios de Aimorés, Itueta e Resplendor. Belo Horizonte, MG: Consórcio da Hidrelétrica de Aimorés, 2009.
- BUSATTO, Luiz. Dilemas do imigrante italiano no Espírito Santo. In: BONI, Luís Alberto de (Org.). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. 2 vol.
- CASAGRANDE, André Dell’Orto; BARBIERO, Maria Helena Mion. “Castelo da Pré História ao Início do Século XX”. 2 Edição. Castelo/ES. 2012. Disponível em: http://www.castelo.es.gov.br/site/municipio_livro.asp
- COLBARI, Antonia. Familismo e Ética do Trabalho: O Legado dos Imigrantes Italianos para a Cultura Brasileira. **Revista Brasileira de História**. vol. 17 n. 34. São Paulo, 1997.
- DADALTO, Maria Cristina. **A imigração Tece a Cidade – polo industrial de Colatina**. Vitória: Cultural & Edições Tertúlia, 2009.
- ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. Práticas Econômicas e Meio Ambiente na Ocupação do Sertão do Rio Doce. **“Caderno de Filosofia e Ciências Humanas”**, da Faculdade de Ciências Humanas e Letras do Centro Universitário Newton de Paiva. Ano VIII, número 14, abril de 2000.
- ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. **Sertão do Rio Doce**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- ESPÍNDOLA, Haruf Salmen. **Vida Rural: Usos, Costumes e Objetos**. Projeto de Prática de História III e IV. Governador Valadares. Fevereiro-julho de 2005a. Projeto Pedagógico do Curso de História e Projeto intitulado “Memória, Documentação e Cotidiano”, aprovado pela Resolução CONSEPE 029/2000.

- FRANZINA, Emilio. **Storia dell'Emigrazione veneta**. Dall'Unità al Fascismo. Verona: Cierre, 1991.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 3 edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- INFORMATIVO da Prefeitura Municipal de Santa Rita do Itueto – “Compromisso com o Agricultor”. Santa Rita do Itueto. 2006.
- KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro *et al.* **Muitas memórias, Outras histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2004. p. 116-138.
- KLEIN, Herbert. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. In: **Projeto História 17**. São Paulo: PUC, 1998, p. 111.
- NICOLI, Sandra.; SIQUEIRA, Sueli. Microrregião de Aimorés: território de imigração italiana e emigração de seus descendentes. In: GUEDES, Gilvan Ramalho; OJIMA, Ricardo (org.). **Território: mobilidade populacional: ambiente**. Governador Valadares: Editora Univale, 2012.
- NICOLI, Sandra., GENOVEZ, Patrícia Falco., SIQUEIRA, Sueli. Migração, Memória e Território: os descendentes de imigrantes italianos da Microrregião de Aimorés/MG. **Revista História & Perspectivas**. Dossiê: História do Crime, da polícia e da justiça criminal, v. 26, nº 49 (2013). Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História. Revista Eletrônica. <http://www.historiaperspectivas.inhis.ufu.br>.
- NICOLI, Sandra. *I/Emigração em Itueta e Santa Rita do Itueto – a chegada dos nonos e a partida de seus descendentes para o norte da Itália*. Dissertação (mestrado). Universidade Vale do Rio Doce, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território, Governador Valadares, MG, 2014.
- PAULA, Sérgio Peres de. **Fazenda do Centro: imigração e colonização italiana no sul do Espírito Santo**. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Castelo: Instituto Frei Manuel Simón, 2013.
- PIERRON, Jean Philippe. **Sols et civilisation. Une approche poétique du territoire**. *Études*, N. 3983, 2003, pp. 333-345. Traduzido por José Luiz Cazarotto (ad instar manuscrito).
- PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro *et al.* **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2004.
- POSENATO, Júlio. Arquitetura e imigração italiana no Espírito santo. In: CASTIGLIONI, Aurélia H (org). **Imigração italiana no Espírito Santo: uma aventura colonizadora**. Vitória: UFES, 1998.
- SAQUET, Marcos Aurélio. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**: O desenvolvimento econômico na Colônia Silveira Martins (RS). Porto Alegre: Edições EST, 2003.
- SAQUET, Marcos Aurélio. Reterritorialização e identidade. In: MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; FALCADE, Ivanira (org.). **Tradição versus tecnologia: as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- SEYFERTH, Giralda. A colonização Alemã no Brasil: Etnicidade e Conflito. In: FAUSTO, Boris (org). **Fazer a América**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e Memória: a construção de um perfil de Historiador-Etnográfico. **Ciência E Conhecimento** – Revista Eletrônica da Ulbra São Jerônimo – Vol. 01, 2007, História, A.2.
- TRENTO, Ângelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel, 1989.
- ZANINI, M. C. C. Literatura de descendentes: italianos no Rio Grande do Sul. In: PACELLI, Ademir *et al* (Orgs.). **A experiência migrante**: entre deslocamentos e reconstruções. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 39-52.